

O PIONEIRISMO E O ATIVISMO EM PROL DA LITERATURA INFANTIL DE FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO'S PIONEERING SPIRIT AND ACTIVISM IN FAVOR OF CHILDREN'S LITERATURE

Ivana Esteves Passos de Oliveira*

Ninguém quer escrever para si mesmo!

Francisco Aurélio Ribeiro

Francisco Aurelio Ribeiro é capixaba de Ibitirama, que fica na região do Caparaó, onde nasceu, em agosto de 1955. É formado em Letras e Direito, tendo cursado especializações em Língua Portuguesa e Administração Universitária. É também doutor em Letras, possuindo vários livros de literatura publicados (infanto-juvenis, de crônicas e poemas);

¹ OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. O pioneirismo e o ativismo em prol da literatura infantil de Francisco Aurelio Ribeiro. In: _____. *A indústria criativa da literatura infantil – Histórias de autores e livros: a cadeia produtiva da literatura infantil no Espírito Santo – a performance de cinco autores*. Vitória: Diálogo Comunicação e Marketing, 2018. p. 85-94.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

também tem diversas publicações de pesquisa acadêmica. É professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e um incansável pesquisador de Literatura e História do Espírito Santo. É integrante da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, e é há 20 anos representante da FNLIJ². Publicou ao todo 20 livros infantojuvenis.

Francisco Aurelio, como secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo, no início dos anos de 1990, promoveu a interiorização da literatura capixaba, com a criação de linhas editoriais para escritores e com o fomento à publicação de revistas e outros materiais, em paralelo à realização de concursos e eventos, que promovessem a literatura do Espírito Santo em âmbito regional. Foi também o responsável por criar a disciplina de Literatura Infantil na matriz curricular do curso de Letras viabilizado pelo Departamento de Línguas e Letras, na Ufes e por inseri-la na matriz curricular original do curso de mestrado em Letras (então, Mestrado em Literatura Brasileira) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes, ainda em 1994. Esse perfil profissional indicia um papel pioneiro e, a seu modo, ativista, em defesa de causas que julgou pertinentes.

O escritor publicou, de 1984 até o início do século XXI, por editoras nacionais, 9 livros infantojuvenis: *Era uma vez uma chave* (1984), com ilustrações de Paulo Roberto Sodré, pela Editora Miguilim, com 8 edições. *Leve como a folha* (1985), pela Editora Miguilim, com 8 edições. *O Gato Xadrez* (1985), pela editora Miguilim, com ilustrações de Atílio Colnago, com 6 edições. *O ovo perdido* (1987), em parceria com a filha, Flávia Meneguelli, e com ilustrações de Atílio Colnago, pela Editora Miguilim. A obra teve três edições. *A Gralha e a tralha* (1988), com ilustrações de Joyce Brandão, pela Editora Melhoramentos – na

² A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 23 de maio de 1968. É a seção brasileira do International Board on Books for Young People – IBBY, e constitui-se como uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro.

época a maior editora do país, segundo o autor. Foram publicadas duas edições. Ribeiro foi o primeiro escritor capixaba a lançar livro infantil pela Editora Melhoramentos.

Além dos mencionados, publicou *Ora, pombas!* (1990), com ilustrações de Guto Lins, pela Editora Orientação Cultural, com duas edições. Dessa obra fez também uma publicação independente, em 1998. *Mistérios de lá e de cá* (1993), com ilustrações de Mirella Spinelli, pela Editora RHJ, com seis edições. *A casa mal-assombrada* (1999), com ilustrações de Heliana Brandão, pela Editora Miguilim, sendo publicado com três edições. *Frajola e sua paixão* (2002), com ilustrações de Bispodejesus, pela Editora RHJ, com três edições. E, ainda, pela Editora Nova Alexandria, de São Paulo, editou: *Nos Passos de Anchieta* (2009) e *Os povos que formaram minha terra* (2010).

Por editora independente do Espírito Santo, no caso, a Editora Formar, a partir do século XXI, publicou: *Seu Miséria e Dona Pobreza* (2003); *Cachorrada no Céu* (2003); *Juanita e sua galinha*, com ilustração de Denise Pimenta (2004); *O rabinho do porco*, com ilustração de J. Carlos, (2004), *Saudades de Clarice. Vinte crônicas e uma fábula* (2004); *Circe e Ricardo*, com ilustrações de Zappa (2005); *Totonho e seu rival* (2007) e *O menino e os ciganos* (2012). O escritor foi contemplado por edital da Secult com a obra *Espírito Santo de A a Z* (2010).

Na pesquisa de campo com o escritor Francisco Aurelio, advieram os primeiros desvelamentos da cadeia produtiva da literatura infantil do Espírito Santo. Foi possível traçar uma trajetória histórica desse contexto no estado, por meio de narração e documentação, em uma coleta amparada pela metodologia do indiciarismo. Os dados ficaram disponíveis, foram observados e, independente da tensão relevância-irrelevância, foram traduzidos todos, como prova de experimentações e vivências de um dado momento da tessitura literária do escritor Francisco Aurelio Ribeiro, voltada para crianças do Espírito Santo (ANEXO 7).

Os documentos, tais como certificados de participação em eventos estaduais, nacionais e internacionais, relacionados à literatura infantil (ANEXOS 6.2.3 a 6.2.5), dão a ver a articulação do escritor para se atualizar, integrando-se às discussões acerca do mercado de literatura produzida para crianças. Também foram encontradas cartas de aceite do professor e escritor, que atestavam a sua adesão a entidades, como a FNLIJ e o Prêmio Bienal de Literatura Infantil e Juvenil (ANEXOS 6.2.8 a 6.2.9) e, ainda, a declaração de ter ministrado a disciplina de Literatura Infantojuvenil no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), em 1998 (ANEXO 6.2.6).

Tais documentos comprovam a trajetória do escritor em suas interlocuções criativas, com o mercado literário infantil e com as esferas de legitimação da literatura (no caso, como intelectual e professor, por exemplo). Denotam a estrada percorrida e demonstram os procedimentos adotados. Também evidenciam o empenho do escritor em propagar as suas obras, a maioria publicada por editoras como Melhoramentos (ANEXO 6.2.1.1), Editora Orientação Cultural (ANEXO 6.2.1.2), Miguilim (ANEXO 6.2.1.3) e Editora RHJ (ANEXO 6.2.1.4).

O investimento de tempo e também de dinheiro – quando não conseguiu mais ser publicado nacionalmente e, para não se permitir calar, começou a investir seu próprio dinheiro na perpetuação de sua produção – foi feito, segundo depoimento oral do escritor, no afã de expressar uma literatura que oportunizasse a crianças do Espírito Santo percorrerem páginas de livros com relatos de seu estado e reminiscências de possíveis marcas identitária socialmente partilhadas. Apesar do percurso galgado e consolidado na academia, a disciplina de Literatura Infantil e Juvenil na Ufes foi extinta, no âmbito do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. Isso contribuiu para suscitar um desabafo acerca da fragilidade da divulgação e da distribuição de livros produzidos para crianças no Espírito Santo: “Não é função do escritor atuar na

venda de suas obras. O escritor é o criador da obra. Divulgação e venda não deve ser atribuição de escritor. Faço e sempre fiz por não ter quem o faça por mim” (Informação verbal)³.

Nessa conversa em sua casa, o escritor admitiu a prática como divulgador e vendedor de livros infantis sob sua responsabilidade. Uma conduta que ele rejeita, mas que se mostra inevitável diante da ausência, no mercado local, de profissionais especializados em cuidar da divulgação e da distribuição da literatura produzida no Espírito Santo, como ele também atestou na entrevista no campo. No contato por telefone, o escritor informou a existência de documentos, de vestígios do seu protagonismo como comerciante de livros, dispondo-se a colaborar no estudo. A espontaneidade é computada na pesquisa indiciária, como indício a reforçar as premissas investigadas. Era como se dissesse que tinha provas, mesmo, para atestar a ineficiência de um sistema. Em um artigo, publicado no jornal *A Gazeta*, no Caderno Pensar, o professor apresentou dados que concorrem para desvelar essa problemática (ANEXO, 6.1.5).

Agendado o encontro em sua casa, o escritor já estava à espera, com uma pasta de prontidão, contemplando fazeres datados desde a década de 1980. Ficaram disponíveis contratos de edições de obras, recibos de acertos de direitos autorais, incluindo a prestação de contas; textos enviados a editoras com recusa de publicação; demonstrativos de estoques de seus livros, encaminhados pelas editoras nacionais; certificados de participação em eventos literários e acadêmicos; certificados relacionados ao seu percurso de professor pesquisador na área de literatura para crianças e jovens na UFES; convites de lançamento de seus livros e recortes de jornais que contextualizam momentos diferentes da literatura infantil do Espírito Santo. Tais documentos foram levados pela

³ RIBEIRO, Francisco Aurelio. Respostas de Francisco Aurelio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 de junho de 2015.

pesquisadora para serem fotografados, escaneados, lidos e relidos, em busca de poder delinear os processos produtivos do escritor (ANEXO 6).

Foi nessa tensão entre as falas do escritor, em entrevista oral, feita em sua casa, o questionário encaminhado por e-mail e, sobretudo, pelos recortes disponibilizados espontaneamente pelo autor para servirem como comprovação de um contexto social que afeta os processos estético-criativos do autor, que se deu a captura dos indícios.

O escritor Francisco Aurélio iniciou-se na escrita de livros infantis na década de 1980 e, também nesse período, ao ingressar na UFES como professor concursado do Departamento de Línguas e Letras, começou a pesquisar literatura infantil. O escritor conta sua aproximação com a literatura infantil:

Minha primeira identificação com as histórias em livro se deu quando eu descobri, em casa, uma edição das histórias da carochinha, publicada por Guilherme Figueiredo, em 1855. Uma obra precursora de Monteiro Lobato. Eu estava, então, na minha primeira fase de escolaridade. Depois vieram o ginásio e a faculdade. [...] Minha monografia de graduação foi sobre realismo fantástico. Na década de 70, o escritor da moda era J. Veiga. Da pesquisa sobre a literatura fantástica para a literatura infantil foi um pulo, pois havia muitos pontos em comum (ANEXO 6.1.4)⁴.

Sua primeira obra, de 1983, *Era uma vez uma chave*, já havia vendido na ocasião cerca de 30 mil exemplares pela Editora Miguilim, de Belo Horizonte. E o segundo livro, *Leve como a folha*, publicado pela mesma editora, em 1985, naquele ano, computava a quinta edição.

Contudo, apesar de otimista em relação ao promissor mercado dos idos da década de 1990, Francisco Aurelio já chamava atenção para a falta de profissionalismo no Espírito Santo. Ressalta na matéria: "Aqui você tem que

⁴ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

pagar para fazer um livro, tem que batalhar” (ANEXO 6.1.1). No entanto, em sua opinião, essa batalha, essa garra não é o autor que tem que ter: “Isso compete ao editor, ao livreiro, porque na verdade quem ganha com o livro são eles. O autor ganha muito pouco ou quase nada” (Informação verbal)⁵.

Uma década antes, apesar da grande produção, o escritor sinalizava em outra reportagem sua preocupação com o advento da tecnologia. Em entrevista à repórter Terezinha Alvarenga, em um suplemento literário, o escritor comenta, ao ser indagado acerca da influência do avanço tecnológico na literatura infantil, que esta já era uma influência (ANEXO 6.1.2).

Apesar de ter a maior parte de seus livros editados por editoras nacionais de renome, o escritor Francisco Aurelio é incansável na busca pela divulgação de suas obras e na prospecção do mercado para a literatura infantil. Além das palestras e cursos, que oportunizam contatos com professores, como relatado anteriormente, as divulga também por meio de sua atuação como professor e pesquisador na área de literatura infantil, abrindo canais de distribuição.

Um exemplo desse protagonismo do escritor em abrir canais de divulgação e de distribuição, visando à geração de demanda para sua produção, bem como para a produção de outros autores, foi a atuação no Projeto Salas de Leitura da FAE⁶.

Outra publicação originária dos documentos pessoais do escritor, datada de 1985, de autoria do jornalista Álvaro Muniz, intitulada “Como as crianças podem descobrir o prazer da leitura”, sinaliza para essa preocupação de Francisco Aurelio com a difusão da literatura infantil do Espírito Santo. A matéria fala da possibilidade de abrangência do projeto Salas de Leitura a 37 mil alunos da rede municipal de ensino de 15 municípios capixabas que, a partir de fevereiro de

⁵ Idem.

⁶ O projeto ‘Sala de Leitura’, criado em 1988, é resultado da parceria com a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC). À FAE competia a seleção, compra e distribuição dos livros de literatura infanto-juvenil aos alunos do ensino público.

1986, seriam incorporados ao projeto, englobando 70 escolas da rede estadual de ensino, mas que enfrentava entraves burocráticos.

O projeto teve o envolvimento de 10 escritores capixabas, como transcrito na matéria: Francisco Aurélio Ribeiro, Hermógenes Fonseca, Pedro Teixeira, Renato Pacheco, Bernadete Lyra, Guilherme Santos Neves, Ceciliano Abel de Almeida, Nilton Braga, Roberto Almada e Gilson Soares. Na matéria consta que:

O professor do Departamento de Línguas e Letras da Ufes, Francisco Aurelio Ribeiro, que já publicou 'Era uma vez uma chave', 'O Gato Xadrez' e está acabando de escrever 'O Sono e o Sonho', também integra o Projeto Salas de Leitura. Na realidade, Francisco foi uma das pessoas que ajudariam a elaborar o projeto no Espírito Santo. Mesmo estando participando diretamente do programa com uma de suas obras – 'Leve como a folha', ele não economiza críticas às dificuldades burocráticas encontradas no Estado para que o projeto fosse implantado. [...] Desde a elaboração do projeto até sua implantação, as coisas mudaram muito e, além disso, o projeto poderia ter sido muito mais amplo do que o atual, que está sendo implantado. A Sedu tinha à sua disposição uma verba de CR\$ 150 milhões para a aquisição de jornais locais e para a produção de autores capixabas, diz Francisco. Segundo ele o excesso de burocracia, falta de interesse e até mesmo falta de pressão política levaram o Estado a perder grande parte dessa verba. 'Assim, agora somente 10 autores capixabas serão atendidos e com uma tiragem bem menor de livros do que se poderia ter atingido caso houvesse um interesse maior' (MUNIZ, 1985, p. 3).

Nota-se por esses recortes de jornal que, além de escritor, Francisco Aurelio sempre foi e ainda o é um ativista da luta em prol da literatura infantil no Espírito Santo. Desde sempre, seja como professor ou como escritor, Francisco atua na difusão da literatura produzida para crianças do Estado. Na matéria, Francisco lamenta ainda a ineficiência da estrutura educacional do Estado:

Depois de analisar o projeto, Francisco Aurélio volta a criticar a estrutura educacional do Espírito Santo. Segundo ele, o Estado não oferece absolutamente nada para a criança. [...] É bom deixar claro que esse projeto não pretende formar qualquer biblioteca. Ele quer apenas colocar um bom livro ao alcance do leitor. Uma coisa importante é que não há qualquer tipo de cobrança à criança (Informação verbal)⁷.

⁷ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

Ele apresenta com orgulho contratos de edição (ANEXO 6.2.1), acertos de direitos autorais (ANEXO 6.2.2), documentos de uma era próspera para os editores que encaminhavam seus textos para aprovação de editoras de outros Estados.

No ano de 1992, no Jornal *A Gazeta*, no Caderno Dois, Márzia Figueira, jornalista especializada em literatura, publica a matéria “Santos de casa que fazem milagre”. A matéria foi localizada pelo escritor Francisco Aurelio, em seu arquivo pessoal, para auxiliar na composição do trabalho. Na reportagem, o escritor ganha uma capa no Caderno Dois, por ser o campeão de vendagem de livros infantis, na Rede Logos de Livraria e na rede de livrarias A Edição (hoje extinta). Ainda na mesma reportagem, o escritor atribui o sucesso de vendagem ao seu trabalho de divulgação.

O que acontece é que dou muitos cursos para professores e cada professor que adota um livro meu são cinquenta que se vendem, para cada município, essa coisa toda. Acho que é isso, o fruto desse relacionamento que tenho com professores é que facilita e não que meus livros sejam melhores (FIGUEIRA, 1992, p. 7).

Em outra matéria, publicada também no Caderno Dois, no ano de 1993, de autoria do jornalista Alvarito Mendes Filho, matéria essa também disponibilizada pelo próprio Francisco Aurélio para esta pesquisa, oriunda de seus arquivos pessoais, percebe-se um momento próspero da literatura infantil no Espírito Santo (ANEXO 6.1.4). Nessa ocasião, o escritor responde à pergunta do repórter sobre o momento para o mercado de literatura infantil:

É o melhor que existe. Porque já temos no Brasil um público leitor formado, seja ele imposto ou não. A partir de 1965, a escolarização foi muito grande e promovida até mesmo a toque de caixa. E a questão da literatura infantil ficou vinculada ao processo de escolarização. Este ano (1993), a Fundação Nacional do Livro Infantil completa 25 anos de existência. Eu sou representante da entidade aqui no Estado. Em todo o país temos trabalhado na divulgação deste gênero literário, através de estudos e congressos. Hoje a literatura infantil brasileira está equivalente à produzida nos países do Primeiro Mundo (MENDES FILHO, 1993, p. 3).

Mas com a entrada do governo do presidente Fernando Collor – de 1990 a 1992 – seguido pelas crises econômicas posteriores, e com o advento da internet, as editoras nacionais começaram a reduzir a demanda. Nos anexos 6.2.1 e 6.2.2, algumas cartas de editoras recusando a publicação de livros do escritor evidenciam essa baixa demanda em publicar textos de autores capixabas. Reconhece-se, nos documentos, o mérito literário das obras, e o argumento para a recusa, em geral, é evasivo, mas podemos supor que se relacione tanto com o momento econômico do país, quanto com a reorganização do sistema produtivo em cultura, que demanda dos autores agir como personalidades públicas, com presença física constante em eventos e feiras e virtual na mídia impressa e eletrônica – o que fica um pouco mais inviável para escritores fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo (com extensões já sinalizadas em Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, principalmente).

No entanto, a despeito disso, em 2010, um projeto da Editora Nova Alexandria, de Minas Gerais, orquestrado pelo empresário do ramo de livraria Silvio Folli, abrangendo os escritores capixabas Francisco Aurelio Ribeiro, Luiz Guilherme Santos Neves, Neusa Jorden e Silvana Pinheiro, tem como objetivo a publicação de livros voltados para a difusão da literatura e da cultura do Espírito Santo. Com um componente histórico, o livro deveria ser adquirido pela SEDU, a fim de atender a escolas de ensino médio. Mas a Sedu acabou não adquirindo os livros e a editora, então, ficou desestimulada em investir em autores capixabas. Esse episódio ilustra a ausência de incentivo público à comercialização de livros infantojuvenis no Espírito Santo.

Como relata Francisco Aurelio, o seu livro e o dos demais escritores chegou a ser publicado em uma pequena tiragem. No seu caso, o livro publicado sob encomenda da editora é *Os povos que formaram a nossa terra* (2010), trazido a lume pela própria editora Nova Alexandria. No mesmo ano, o escritor foi contemplado no edital da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT) com a publicação do livro *Espírito Santo de A a Z* (2010).

Com a impossibilidade de publicar por editora nacional, em vista do contexto, o escritor buscou impulsionar a profissionalização do mercado interno. Em busca de uma editora local, viu na Editora Formar, ligada à Rede Logos de Livraria, a oportunidade de publicar as suas obras regionalmente. Essas publicações contaram com o investimento pessoal e profissional do escritor, que teria que cuidar da divulgação e comercialização: “Busca-se recurso através de lei de incentivo, patrocínio de empresas privadas ou com recursos próprios, como foi o caso de meu último livro, *O menino e os ciganos*” (Informação verbal)⁸32.

Ainda sobre a divulgação e distribuição das editoras regionais, o autor enfatiza, na entrevista concedida no campo, que é precária. Segundo ele, não há ou há pouca divulgação dentro do próprio estado e nem fora – seja por meio dos agentes públicos, das instâncias acadêmicas ou por meio da formação de professores e das práticas de educação escolar. Os livros, quando estão nas bibliotecas, não circulam, ressaltou. E em relação à mídia, o escritor diz tentar alguma divulgação, mas considera que o espaço dado ao autor capixaba é mínimo.

Em artigo de sua autoria, publicado no Caderno Pensar, no jornal *A Gazeta*, em fevereiro de 2015, Francisco Aurelio Ribeiro reflete sobre as políticas públicas, que ainda estão focadas na produção de obras literárias, em detrimento do enfoque na circulação das obras literárias:

Há uma produção editorial, hoje, no Espírito Santo, espalhada em seus principais municípios, de dezenas de livros produzidos em pequenas gráficas e editoras, muitas vezes com circulação apenas local. Há escritores que têm edições de milhares de livros vendidos entre os leitores de sua cidade. [...] Enfim, citando Lipovetsky, vivemos a cultura do excesso. Nunca se publicou tanto quanto nos tempos atuais. Temos uma infinidade de poetas, de cronistas, de escritores de literatura infanto-juvenil, os mais cultivados romancistas. [...] O que falta, ainda, no Espírito Santo, é uma política de circulação e de divulgação dos livros

⁸ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

capixabas, lugares públicos e privados onde possam ser vistos e conhecidos e uma política de aquisição de livros de autores capixabas (RIBEIRO, 2015, p. 3).

Há 31 anos publicando livros para crianças no Espírito Santo, a sua crença é a de que, se o autor não divulgar e distribuir os seus livros, estes não serão vendidos. Por isso, o autor está atualmente desestimulado a produzir livros infantis no Estado. Rememorando sua trajetória na literatura infantil, ele afirma que:

Os primeiros livros tinham edições sucessivas, quase anuais. Foram publicados por editoras de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. Isso durou uns quinze anos. Depois que comecei a publicar meus livros aqui, no Espírito Santo, as tiragens se tornaram pequenas e só quando havia alguma compra de órgãos públicos fazia-se nova tiragem. [...] Temos bons autores, bons livros publicados, mas desconhecidos do grande público. Ninguém quer escrever para si mesmo. O objetivo de quem publica um livro é ser lido. Se órgãos públicos incentivam a publicação de obras literárias, deveriam criar formas para fazê-las circular e chegar a seu real destinatário, o leitor, mas isso não existe no Espírito Santo. Há oito anos, o estado do Espírito Santo não compra obras literárias de autor capixaba para os acervos das bibliotecas públicas. Licitações têm sido feitas, mas não incluem o autor local. Há uma discriminação visível dos capixabas. É como se Estado e prefeituras achassem suficiente o fato de apoiarem a publicação das obras. Não é. Não basta publicar, o livro precisa chegar ao leitor. Se isso não ocorrer, não adianta ter sido escrito e publicado (Informação verbal)⁹.

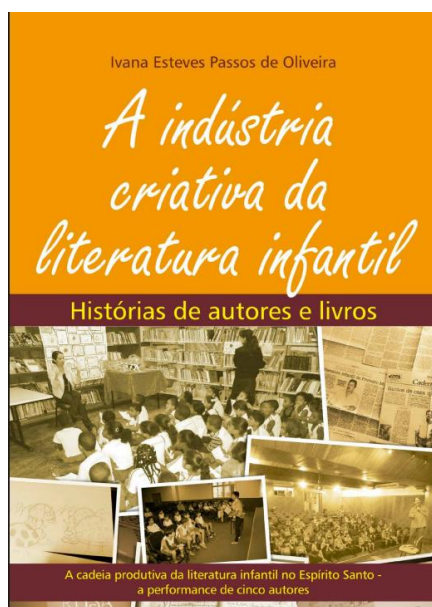
Perguntado sobre o que falta para a expansão do mercado de livros infantis no estado, o escritor reitera com veemência que é maior visibilidade e valorização do escritor local. “O que adianta publicar suas obras se poucos as conhecem?”, indaga o escritor (Informação verbal)¹⁰.

Desse modo, em relação à trajetória de Francisco Aurélio Ribeiro, fica um perfil pioneiro e ativista – estabelecido em diferentes frentes: autoria, edição, pesquisa, docência, gestão pública (na secretaria de cultura), divulgação etc. A esse perfil, contudo, atravessa certa decepção e mesmo algum ressentimento, em face de

⁹ RIBEIRO, Francisco Aurélio. Respostas de Francisco Aurélio Ribeiro. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 7 jun. 2015.

¹⁰ Idem.

um possível descaso do poder público, da mídia, dos agentes de legitimação e do frágil sistema editorial ainda em vias de constituição e consolidação, já que, em mais de 35 anos de dedicação à literatura do Espírito Santo – e, em particular, no que diz respeito a essa pesquisa, à literatura infantil – o cenário parece, para o autor, ter se robustecido relativamente pouco, continuando na dependência das iniciativas individuais. Esse diagnóstico explica o fato de o autor, recentemente, vir se mostrando de certo modo cansado ou desiludido no que diz respeito à literatura infantil no Espírito Santo.



4.1 O pioneirismo e o ativismo em prol da literatura infantil de Francisco Aurélio Ribeiro

"Ninguém quer escrever para si mesmo!"
Francisco Aurélio Ribeiro

Francisco Aurélio Ribeiro é capitaba de Ibitirama, que fica na região do Capangá, onde nasceu, em agosto de 1935. É formado em Letras e Direito, tendo cursado especializações em Língua Portuguesa e Administração Universitária. É também doutor em Letras, possuindo vários livros de literatura publicados (infanto-juvenis, de crônicas e poemas); também tem diversas publicações de pesquisa acadêmica. É professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e um incansável pesquisador de Literatura e História do Espírito Santo. É integrante da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, e é há 20 anos representante da FNLIJ²⁶. Publicou ao todo 20 livros infantojuvenis.

Francisco Aurélio, como secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo, no início dos anos de 1990, promoveu a interiorização da literatura capitaba, com a criação de listas editoriais para escritores e com o fomento à publicação de revistas e outros materiais, em paralelo à realização de concursos e eventos, que promovessem a literatura do Espírito Santo em âmbito regional. Foi também o responsável por criar a disciplina de Literatura Infantil na matriz curricular do curso de Letras viabilizado pelo Departamento de Línguas e Letras, na Ufes e por inseri-la na matriz curricular original do curso de mestrado em Letras (então, Mestrado em Literatura Brasileira) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes, ainda em 1994. Esse perfil profissional indicia um papel pioneiro e, a seu modo, ativista, em defesa de causas que julgou pertinentes.

26 A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 23 de maio de 1968. É a seção brasileira do International Board on Books for Young People - IBBY, e constitui-se como uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro.

85

Capa de *A indústria criativa da literatura infantil – Histórias de autores e livros: a cadeia produtiva da literatura infantil no Espírito Santo – a performance de cinco autores*, de Ivana Esteves Passos de Oliveira, de 2018, e página inicial do capítulo "O pioneirismo e o ativismo em prol da literatura infantil de Francisco Aurélio Ribeiro".